

# Coletânea de Poesias

Marcelo Garbine

01 – A madrugada acabou .....	02
02 – Amanhecer em BH .....	04
03 – As imagens que eu guardei .....	06
04 – Até a próxima, Renata .....	08
05 – Bom dia, Lyra! .....	12
06 – Cavernas do Coração .....	14
07 – Longínquo horizonte .....	16
08 – Malandragem do bem .....	19
09 – Mudaram as cores das rosas de Lúcia .....	22
10 – O relâmpago anjo .....	24
11 – O tempo, a Camila e as covinhas .....	26
12 – O vento Khmer .....	29
13 – Oito cantos sagrados .....	30
14 – Olá, Karina! .....	34
15 – Olhos verdes-capim .....	36
16 – Onde estão os anjos .....	39
17 – Os Leões da Savana Olimpo .....	42
18 – Quando eu nasci de novo .....	44
19 – Quando maio chegar (Raio-Você) .....	46
20 – Você e eu na Pauliceia .....	48
21 – Vozes .....	50

# A madrugada acabou

Marcelo Garbine

O sol, o céu e a lua

Janelas, carros e rua

E nada mais diferente

Rotina é tão ardente.

Rasguei o livro, quebrei a parede

Sua escassez me desatina

Você não mata a minha sede

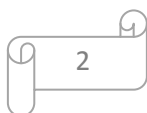
Vê se me entende, vê se me ensina.

Como é que o sol pode brilhar

Como é que existe vida na terra

Se eu não tenho você pra me amar.

E o vento forte de ódio berra.



Hoje, eu sei o que eu não sabia

A vida é fria e até corrói

Pela janela, já era dia

Você é linda e isso dói.

A minha esquerda estava vazia

Você sumiu com a madrugada

Pela janela, já era dia

Não há mais contos, não há mais fada.

Marcelo Garbine

# Amanhecer em BH

Marcelo Garbine

Hoje, amanheci, em BH

Pensando se aqui é o meu lugar

Que gosto que tem? Dúvida pura

Pra quem não sabe bem o que procura.

Era pra estar no congresso

Um cara disperso

Vendo política

E fazendo crítica...

Mas eu preferi andar no centro

O ruído lá de fora não tá aqui dentro

Da minha cabeça, do coração

Dentro de mim fechado, tô na prisão.

Vivendo um mundo paralelo  
Brincando com a foice e com o martelo  
Sabendo que em algum lugar  
Alguém vai estar  
Sorrindo pra mim  
Em BH.

Entrei no parque a passos largos  
Vendo os patos nadarem nos lagos  
Que sexo faz essa mineira!  
Boca no ouvido, me diz besteira.

Vivendo um mundo paralelo  
Brincando com a foice e com o martelo  
Sabendo que em algum lugar  
Alguém vai estar  
Sorrindo pra mim  
Em BH.

Marcelo Garbine

# As imagens que eu guardei

Marcelo Garbine

Cinco minutos depois  
Que eu fechei aquele livro  
Brinco e escuto nós dois  
Eu pensei: você tá vivo.

Vejo sombras das suas mãos  
Vêm tocando meu pescoço  
Na parede, a cruz e o vão  
Sua voz ainda ouço.

Antes de você partir  
Eu filmei o seu sorriso  
Você ainda está aqui  
Da sua imagem, preciso.

Sala vazia e sofá  
Velha TV na estante  
Espero você chegar  
Pra que fique como antes.

Dentro do vídeo cassete  
Vive sua vida a mil  
Hoje já é dia sete  
Há um mês, você partiu.

Marcelo Garbine

# Até a próxima, Renata...

Marcelo Garbine

Não havia vento nem mar

Pra ela mergulhar

Menina olhava ao redor

Estava pior.

O cheiro era forte, de manguê

Sem coisas mais belas

Renata olhava o sangue

Em suas canelas.

Por que você foi se cortar?

Santa inquisição

As esferas do seu colar

Rolando no chão.



Fechada em si, se recata  
São cortes vermelhos  
E, mesmo morrendo, Renata  
Poupou seus cabelos.

Não queria se perdoar  
Em seus devaneios  
Vida pra finalizar  
Sem mais rodeios.

Apêndice, palavra errata  
Final compulsório  
Deixada, foi ela, Renata  
No crematório.

E Renata queima... queima  
Pra que tanta teima... teima  
Antecipada sem medo  
Ela quis ir mais cedo... cedo.

Até a próxima, adeus  
Vai sem cerimônia  
Fecha, então, olhos seus  
Abertos nas noites de insônia.

Preâmbulo de Alighieri  
Não estavam em seus planos  
Não há mais oitava série  
Nem catorze anos.

Pensou pelo lado positivo  
Não queria ela estar  
Com dezenas de anos vividos  
Pra recordar.

Sufrimento foi extirpado  
Sem vinte nem trinta  
Ela cortou com machado  
Pra que não se sinta.

Dores que não latejaram  
Anos não foram vividos  
Namorados não a abandonaram  
Não houve gemidos.

Hipócritas em salas com cofres:

"Ela era tão jovem"  
O que está morto não sofre  
Simples assim: dissolvem.

E Renata queima... queima  
Pra que tanta teima... teima  
Antecipada sem medo  
Ela quis ir mais cedo... cedo.

Marcelo Garbine

# Bom dia, Lyra!

Marcelo Garbine

Bom dia. São seis horas da manhã  
Na pia, copo de leite com maçã  
Sorria. Você está na minha mira.

Sonhei com sorriso no rosto  
Levantei e admiro o que é exposto  
É lei. Pode ler, aqui, confira.

Tá escrito: todo dia deleitar  
O mito, que já ia além-mar  
Necessito acender a minha pira.

O sol, agora, é meu amigo  
No rol das coisas que eu consigo  
Bemol: um tom baixa na lira.

Eu via que esse dia ia chegar

E cria que eu ia gostar

Bom dia! Minha querida Lyra.

Agora, eu vejo

Passado é caranguejo

Que anda pra trás

Distancia mais.

Novo ar, inalo

Enquanto eu falo

Bom dia! Ouvira

Minha querida Lyra.

Marcelo Garbine

# Cavernas do Coração

Marcelo Garbine

Dia já raiou

Olhos abrem

Levanto ou...

Nunca se sabe.

Estico as pernas, então

Cavernas no meu coração

Quer beber água quem comeu sal

Já lancei uma pá de cal.

Sobre tudo o que passou

Meu time nunca marcou gol

Não tenho time nem guarda-sol

Odeio crimes e futebol.

Na cama eu sento, assim

Fresta e janela é um alento

A festa é bela, sim

Pelo menos nesse momento.

Mais do que zero  
É o que eu espero de você  
Sem lero-lero  
Não vou ligar minha TV.

Quero saber:  
Quem fechou esse registro  
Sem água, sem você  
Fica tudo tão sinistro.

Mas alguma coisa vai chegar  
São tantas frutas no pomar  
Papilas gustativas  
Possuem tantas alternativas.

Vou degustar você  
Eu vou te surpreender  
O mito é de Platão  
Cavernas são do coração.

Marcelo Garbine

# Longínquo horizonte

Marcelo Garbine

Você era minha  
Quando te encontrei sozinha  
Mas se minha você era  
Numa passada era  
Nem esperança nem espera  
Você mudou de esfera  
Minha cratera fogo gera  
Porque o que era já era.

Minha mente era escrava  
Da fantasia que eu mergulhava  
Mas se você quiser que eu conte  
Eu só lembro do horizonte  
Horizonte que estava longe  
Como o mundo está de um monge  
Tão longe que nunca chegou  
Por não ser como eu sou.



Eu sonhava tanto  
Em dividir meu canto  
Mas o canto que eu quis morar  
Você não quis cantar  
Por isso eu resolvi  
Ficar mesmo por aqui  
Até edifiquei meu teto  
E recebo dele afeto.

Mas se você quiser voltar  
Vê se deixa pra outro dia  
Pois estou em um lugar  
Sentindo o que eu não sentia  
O sonho que eu tive com você  
Era pura utopia  
E agora o que eu tenho que fazer  
É me satisfazer com o que eu não me satisfazia.

E por mais que eu esqueça  
Nem tudo sai da minha cabeça  
Aquele aula de matemática  
Tão piegas e sistemática  
Ainda não acabou  
E não é como eu sou  
Mas se eu quiser voar  
Vou ter que me adaptar.

Marcelo Garbine

# Malandragem do bem

Marcelo Garbine

Há muito tempo, eu aqui, ouço falar  
Do tal jeitinho brasileiro. O que é que há?

Que eles chamam de talento  
Não entendo, mas eu tento  
Compreender por quê.

Não se engane, meu rapaz  
Quem está indo pra trás  
É mesmo você.

Um malandro que é do bem  
Anda com me diz com quem?  
Pra onde irá?

O malandro vai pra frente  
Quando vai com toda gente  
Todos vão ganhar.

Sou malandro do bem  
Vivo em paz, vivo zen  
Sempre penso além  
Amém, oxalá.

Sai pra lá todo mal  
Etcétera e tal  
Vou subir um degrau  
Pra poder cantar.

A verdadeira malandragem é pensar  
Que se faz hoje e amanhã receberá.

Sou do tipo cara esperto  
Que só faz o que é certo  
Com nome a zelar.

E recebo a recompensa  
Bons amigos, vida intensa  
E o amanhã virá...

Ganho eu, ganha você  
Tem pra todos, pode crer  
Bom compartilhar.

Vou dizer qual é a manha  
O vento vem da montanha  
Pra em todos ventar.

Sou malandro do bem  
Vivo em paz, vivo zen  
Sempre penso além  
Amém, oxalá.

Sai pra lá todo mal  
Etcétera e tal  
Vou subir um degrau  
Pra poder cantar.

Marcelo Garbine

# Mudaram as cores das rosas de Lúcia

Marcelo Garbine

Olhos entreabertos ao despontar dos primeiros raios  
Só óleo entre espetros a lacrimar os canteiros baixos  
Gotas que surgem macias numa verônica fria  
Solta em penugem, descia, suma da crônica lia.

Enredo que ressonava somente dentro de mim  
É medo que só me dava no epicentro do fim  
Lembrança de infância, brinquedo de plástico partido  
Criança em vacância, tão cedo, sarcástico estampido.

As cores das rosas são ofuscadas pela fuligem  
Afores nervosas mãos calejadas, sê-la a origem  
De vida mais dura que esmagou o calor da pelúcia  
Despida, não pura, apagou, sem amor, chora Lúcia.

Terra treme em pés seus. Ar respirado não é mais leve  
Berra e geme: "Meu Deus, meu pai amado, vem e me leve"

Pra longe, pra onde exista o começo e a inocência  
De um monge que esconde o endereço da opulência.

Eu lírico imberbe pra varão vexado no grito  
Empírico, me serve ela, então, corado, explico  
Que Lúcia sou eu nas manhãs que amanhecem sem sol  
Argúcia que deu as manhas que a mim servem de atol.

Marcelo Garbine

# O relâmpago anjo

Marcelo Garbine

Aquele último acorde é você ausente

Sua última imagem presa à minha mente

Em mim, a canção continua tinindo

Frente aos meus olhos, está você, sorrindo.

Estou sonhando, mas finjo estar acordado

Estou com frio, me aqueço ao travesseiro, abraçado

Aquela forte chuva lá de fora

É ignorada pelo meu sonho, agora.

E o maldito Relâmpago Anjo

Invade-me, formando o seu rosto

Felicidade, no momento, esbanjo

Pra admirar o que me foi exposto.



A lágrima despejada pelo meu olho que chora

Mistura-se com a forte chuva lá de fora

O momento me faz reluzir

Mas quando acordar irá me ferir.

O último timbre mostra ser infeliz o fim

A triste realidade é diferente de um belo jardim

Desperto sem você ao meu lado

Eu com meu travesseiro abraçado.

Marcelo Garbine

# O tempo, a Camila e as covinhas

Marcelo Garbine

Se Chronus, do alto, ordena

Se somos incautos, pena

Que há espera... passou tão lento...

Que a esfera girou, sem vento.

Três décadas e meia

Amores súbitos em vão

Vês que não chega a ceia

Prostrar, decúbito, então.

E lá pelos anos noventa

Eis que, suavemente, venta

Mas eu só tinha dezoito

Lá, se caminha, afoito.

Devia-se aguardar mais dezenove

Tempo para que se renove

Esquinas ganhas, passos dados

Aqui nas sanhas, machucados.

E o vento que passou em 1995

Suave pelas pelugens do meu queixo

Semeou, no mundo, novo ser, com afinco

Que entrar, voraz, na minha vida, eu deixo.

Façamos nossos os talhões de tempos dormentes

Adolescência enquanto plantavam a semente

E toda a desproporção cronológica

Desvenda-se, clara, então, fica lógica.

Novembro... junho...

Escada de meses em ciclos de doze

Se lembro, empunho

Espada que vezes reciclo em pose.

Para cortar intervalo tão longo  
Hiato, de fato, entre dois nascimentos  
Que flui, agora, se torna ditongo  
Um lago, uma garça, que, agora, eu invento.

A garça a habitar tranquila  
A lagoa, nossa vila  
A graça de poder senti-la  
Você está em mim, Camila.

Minha mão busca seu rosto  
Vejo, então, nele está exposto  
O que agrada e são só minhas  
Suas duas lindas covinhas.

Marcelo Garbine

# O vento Khmer

Marcelo Garbine

Se o vento soprar, do mato,  
Nas veredas da minha face  
Prostrarei o meu olfato  
Para que ele repousasse.

As poáceas nos meus sentidos  
E meus olhos cerrados  
Ouvirão os meus gemidos  
A noite e seus legados.

E se o amanhecer me disser  
Sinestesticamente  
Que vermelho é o Khmer  
Que luta complacente.

Abraçarei céu azul  
Todo o firmamento  
E soprando lá do sul  
Vem, de novo, outro vento.

Marcelo Garbine

# Oito cantos sagrados

Marcelo Garbine

Plantei, na terra, mágica semente

Notei que berra, tragicamente

A serena Flor que vejo que brota

E que pena a dor, beijo idiota.

Néscio é o beijo desse jardineiro

Cresce o desejo, vê-se o corpo inteiro

Regozizar prazer do nascimento

Peculiar é o ser, novo rebento.

Tento explicar tamanha euforia

Vento do mar com sanha viria

Soprar a folha da ímpar Florzinha

Pra lá se recolha. Ela é só minha.

Ficam no ar, oito cantos bradados

A fecundar, coito santo sagrado

Primeiro, o semear dessa semente

Certeiro a cavar, apressa somente.

Pra que, prematura, ela nasça tão linda  
Buquê de ternura com taça se brinda  
Champanhe, derrama-se, naquela raiz  
Estranhe a grama, se tão bela Flor diz:

Que não é mais só verde aquele jardim  
Em vão, queres, mas vedes, que nasceu, enfim  
Colorida, minha Flor, que exala perfume  
Na vida tinha dor. Cala e acostume.

Com a doce umidade do ar que respiro  
Como fosse a cidade brotar desse lírio  
Eis que surgem abelhas voando nas flores  
Tal que fulgem vermelhas, trocando as cores.

Em segundo, o despontar da primeira folha  
Vem pro mundo estourar da champanhe a rolha  
Comemora, em terceiro, o crescer fina Flor  
É Senhora em canteiro e crê ser sina a dor.

A dor que, até no vegetal, forte lateja  
Se for a pé pro verde, tal norte almeja  
Diz: dói meus pés a caminhar florida vereda  
Destrói deus, fés e meu altar: ferida de seda.

A dor suave, eu diria, é o quarto canto bento  
Louvor, um Ave Maria, tão farto que me sento  
No gramado. Apoio queixo e olho botão abrindo  
E, cansado que dói, eu deixo o óleo escorrer, tão lindo.

Fúcsias oleosas fluem como rio no rosto abaixo  
Núpcias tão gostosas como não se viu, meu gosto, eu acho  
Casamento complacente foi entre Flor e homem  
Tormento estridente, no ventre, e dor somem.

O quinto é a Flor banhando-se na chuva  
Eu sinto minha dor virando-se na curva  
Ternura: água macia que cai do firmamento  
Já cura a mágoa e mania de “ai, que sofrimento”.

O sexto é, aqui, o sol que já raia amarelo, carmine  
Contexto do si bemol que espraia Marcelo Garbine  
Os raios que brilham e secam a ímpar Florzinha  
Lacaios se humilham e pecam por coisa tão minha.

Canta o sete a fria brisa muito fresca advinda distante rochedo  
E remete e suaviza à nababesca e tão linda amante, mais cedo  
Minha amante é a Flor com as suas pétalas bruxuleantes que missiva malversa  
Doravante, eu vou com minhas metas, mas puxo, antes, a flertiva conversa.



Carta roubada me fora, pois, se sabe Ela os meus mais íntimos segredos  
Farta e cansada, a Flor é dois D: donzela e deus, tais ínfimos os medos  
Pavor da pureza e do majestoso mesquinho é pequeno comparado ao cansaço  
Repor à minha mesa meu tão gostoso vinho chileno comprado no paço.

O Flerte meu com a Flor no festim do palácio de malvo  
Asserte meu que a dor no meu rim errasse o alvo  
E fosse parar bem distante do descanso que desfrutamos  
Tão doce e tão zen, amante, sem ranço, me escuta: te amo.

Enfim, o oitavo soneto sussurro à hemácia do sangue  
O fim de um bravo dueto: casmurro e iridácea exangue  
Florzinha bela e ereta, no fulgor da lua calma, se deleita em absinto  
Adivinha Ela, tão certa, o amor por sua alma que, na espreita, eu tanto sinto.

Marcelo Garbine

# Olá, Karina!

Marcelo Garbine

Vejo um novo pássaro a voar  
Cruzando o sol que me ilumina  
Raios refletem em calota polar  
Uma flor nasce na campina.

Sem torpor  
Você me surge  
Pra compor  
Na alma urge  
Abro a porta:  
Olá, Karina!

É tanta luz que ofusca meu olho  
E até descola a minha retina  
E esse é o caminho que eu escolho  
Adentro vereda paulatina.

Sem torpor  
Você me surge  
Pra compor  
Na alma urge  
Abro a porta:  
Olá, Karina!

Nas terras do meu bosque, eu semeio  
Uma semente que germina  
O ser que brota supera o anseio  
Muito melhor que se imagina.

Sem torpor  
Você me surge  
Pra compor  
Na alma urge  
Abro a porta:  
Olá, Karina!

Marcelo Garbine

# Olhos verdes-capim

Marcelo Garbine

Hoje, você é só um pensamento  
Reconstrução, memória que ficou  
Olhando pro céu, na grama, eu sento  
Vejo seu rosto num retrovisor.

Um passado que um dia já foi presente  
Ao seu lado, eu sentia o que se sente  
Quando se tem bem diante de si  
Todos os motivos pra estar ali.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Meus aniversários, comemorei vários  
Anos são riscados dos meus calendários  
E o seu rosto cada vez mais distante  
Me diz que mais nada será como antes.

Vejo o sol brilhando no verde da grama  
E o verde das folhas minha atenção chama  
Tem verde na mata e verde nos abrolhos  
Só não vejo mais o verde dos seus olhos.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Sinto tanta sede. Que dor é esta?  
Não vejo mais verde na minha floresta  
Pra ver de verdade o que interessa  
Só fazendo o tempo voltar bem depressa.

Verde-menta, verde-lima, verde-mar  
Me alimenta, me ensina a não pensar  
Não espera a primavera verdejar  
Olhos verdes que um dia foi meu par.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Olhos verdes-capim  
Eu preciso saber  
Se você gosta de mim  
Porque eu gosto de você.

Marcelo Garbine

# Onde estão os anjos?

Marcelo Garbine

Já são altas horas da madrugada

E eu saio da cama e venho até a cozinha

Minha mente está cansada

E minha alma está sozinha.

Tenho vontade de chorar

Mas acho que não mereço

De que adianta lágrimas formarem mar

Se os anjos não conhecem o meu endereço?

Todos os dias, acordo de manhã

Acompanhado de minha filosofia vã

Faço o que deve ser feito

Mas não paro de pensar no leito.

Fico o dia inteiro sonolento

De mau humor e com vontade de morrer

Às vezes, nem mesmo eu me aguento

E quero fugir do meu próprio ser.

Onde está a bela tarde de sol  
Prometida pelo garotinho de três anos?  
A esperança parou no farol  
E os sonhos viraram profanos.

Quem me dera voltar ao passado  
E pedir desculpas ao garotinho  
Que estará no canto isolado  
Chorando bem baixinho.

Não sei se ele irá perdoar o meu furo  
E não deixa de ter toda a razão  
Afinal, estraguei seu futuro  
Como a má rima estraga o refrão.

Aqueles olhos brilhantes  
Que se convertem em raiva enfurecida  
Sabem que nada pode ser como antes  
O que você fez com a sua própria vida?

Você deixou passar em branco sua adolescência  
Não enxergando em torno do seu próprio lugar  
E, agora, conserva a idiota crença  
De que o tempo pode voltar.



Quem mandou você qualificar em alta escala  
A informação do que o que importa é ser maduro para encarar a luta  
A sociedade não sabe o que fala  
E você não sabe o que escuta.

Não adianta se lamentar mais  
O que se perdeu ficou em outro mundo  
Agora, tanto faz  
Quero descansar em sono profundo.

O tempo passou  
E você ficou pra trás  
O seu rock and roll  
É de outros carnavais.

E o que resta  
É uma porta com fresta  
E o passado  
Atrás dela irritado  
Perdido no escuro  
Já não faz parte do futuro.

Marcelo Garbine

# Os Leões da Savana Olimpo

Marcelo Garbine

No limiar, onde acabam ruas  
Começa o mar das imagens suas  
Depois dos postes e dos muros  
Há dois dos bosques mais escuros.

O primeiro, repleto de vagas lembranças  
Prisioneiro tão certo das intemperanças  
Hábito cultivado, querer por querer  
Hábil, estar prostrado, eu, junto a você.

O segundo, mais adiante  
Mais profundo, agoniante  
Você mais viva, efígie forte  
Sua saliva, gosto de morte.

Brenha sombria, leões que rugem  
Venha macia, monções na nuvem  
Pairando em cima, é poma, mamar  
Bufando a lima, aroma pomar.

Tomo seu suco com gosto de leite  
Bebo do muco, encosto, deleite  
Mandíbula aberta, o líquido orgânico  
A fíbula aberta, jorrar oceânico.

Seu DNA pra dentro de mim  
Delinear do centro ao fim  
O fluido que engulo, que sorvo, que trago  
Descuido, ejaculo, escorvo, apago.

Floresta, eu deixo. Felídeos, abandono  
Sem festa, me queixo. Sem lítio e com sono  
Urbano me faço. Alamedas, eu trilho  
Insano, escasso, em veredas sem brilho.

#### Epílogo:

Espanto, não logrei o "desenrosque"  
Quando me embrenhei no bosque  
Para ter com os Leões-Reis.

A permissão para, somente desta vez,  
Poder reger as próprias leis  
Pra que nós dois fôssemos três.

Marcelo Garbine

# Quando eu nasci de novo...

Marcelo Garbine

De vez em quando, eu brinco

Era sete do cinco

Quando você chegou.

Era nove e quarenta

Por favor, vê se senta

E assiste o meu show.

Era dois mil e três

Um ano em que as leis

De uma vez mudou.

Era um dia cinzento

Que eu gritava: "eu não aguento

Esse seu ar protetor!".

E eu não sei  
Se esse é o momento  
Mas esperei  
Você e seu passo lento.

Que demorou  
Tardou a chegar  
Mas quando chegou  
Chegou pra ficar.

Você mudou a minha vida  
A coisa velha foi destruída

E algo novo...  
Nasceu! Nasceu!  
Chegou pra ficar!  
Chegou pra ficar!

Marcelo Garbine

# Quando maio chegar...

## (Raio-Você)

Marcelo Garbine

Rosto gostoso de enxergar

Gosto relvoso no sonar

Detectei sua voz na multidão

Semblante ímpar, dentre mais de um milhão.

Quem tá na minha frente é você

Arregalo os olhos pra crer

Que é mesmo forte luz do clarão: raio

Desmaiar de uma louca emoção: caio.

Quando você vai voltar? Maio

Duas letras pra pegar: A e O

A de amor num bonito mar que espraio

O de ouvir no sonar: "Já chego aí, o!"

Advém de terra longínqua

Meu amor, que um dia se foi

Meu bem, é claro que é, sim, sua

A dor de um "bom dia" e de um "oi".

Um “bom dia” dado aos bons ventos  
“Oi” ecoando aos quatro cantos  
Contei, foram mais de seiscentos  
Ecos. Lágrimas, outros tantos.

E janeiro e fevereiro  
Irão passar rapidamente  
Mais um despacho no terreiro  
Vêm março e abril e nem se sente.

Chegando, enfim, o mês de maio  
Que é, sim – eu sei – todinho dela  
Abro a porta e pra fora saio  
Sento e espero. Coração gela.

Marcelo Garbine

# Você e eu na Pauliceia

Marcelo Garbine

Ceguei de viagem num dia lindo  
Carro na garagem, você sorrindo  
Minhas malas na porta da cozinha  
Você fala e tão certa adivinha.

Que eu me vejo morrendo de saudade  
Do seu beijo e da minha cidade  
Com São Paulo, o desejo se depura  
Desenjaulo a vontade de cultura.

Você me deu  
A grande ideia  
Você e eu  
Na Pauliceia.



Passeio no jardim do Trianon  
Floreio o que há em mim, sine qua non  
No Centro Cultural Rua Vergueiro  
Cinema e sarau pro dia inteiro.

Melhor gastronomia se degusta  
É tanta pizzaria, Rua Augusta  
Faz um cuscuz para que o tacho eu raspe  
No meio da Paulista eu acho o MASP.

Jogo de futebol, Pacaembu  
Vamos tomar um sol na zona sul  
Correndo lá no Ibirapuera  
Um kart em Interlagos acelera.

Você me deu  
A grande ideia  
Você e eu  
Na Pauliceia.

Marcelo Garbine

# Vozes

Marcelo Garbine

Dos óculos, a lente  
Por ela, vorazmente  
Luz dentro da retina  
Você não imagina...

Minha intensa dor  
Andava com torpor  
Passos no lajeado  
E o peito apertado.

Sangrava bem no fundo  
Alfa do fim do mundo  
Gritava ao vento quente:  
"Dê paz à minha mente!"

No cimento gelado  
Marca do meu calçado  
Lembro de ter pisado  
Quando foi rebocado.

Torrado pelo sol  
Escuto um rouxinol  
Que leva à hipnose  
E faz que eu ouça vozes.

Eu ouço vozes  
Que me dizem: "vai"  
Eu ouço vozes  
Que de dentro sai.

Eu vi um velho bruxo  
Sentado na calçada  
Que levantou e disse  
O conto de Alice.

Outro lado, espelho  
Buraco do coelho  
Rosas que eram brancas  
Pintadas de vermelho.

Rainha tão maluca  
Faz o que dá na cuca  
As cartas do baralho  
Pra casa um atalho.

O homem falou pra mim  
Seguir o coelho branco  
Corra até o fim  
Nos matos e barrancos.

Torrado pelo sol  
Escuto um rouxinol  
Que leva à hipnose  
E faz que eu ouça vozes.

Eu ouço vozes  
Que me dizem: "Vai"  
Eu ouço vozes  
Que de dentro sai.

Marcelo Garbine